



## Por uma antropologia das vidas menores

Fabienne Martin

Em meados dos anos 1970, Deleuze e Guattari propunham o conceito de “literatura menor”, a partir de uma análise da escrita de Kafka e de seu trabalho sobre a estrutura de uma língua<sup>1</sup>. Longe de designar o que está aquém, o que é inferior ou secundário, o termo menor não corresponde a uma escala de importância, nem a um valor, mas descreve uma operação de transformação. É um trabalho sobre aquilo que constitui o “maior” – em sua estrutura, seu poder normalizador, seu princípio dominante. Pode ser uma torção, uma reapropriação, um desvio (*détournement*), uma desorganização, uma descodificação–recodificação, fundamentais numa circunstância sócio–histórica, cada uma específica, mas sempre de obstáculo, que leva à apropriação do modo majoritário para se exprimir.

Segundo Deleuze e Guattari, uma literatura menor apresenta três características. A primeira diz respeito à afecção da língua maior que se encontra desterritorializada em seu emprego menor (ela sofre uma distorção, acha-se prolongada em seus retalhamentos, dialetizada, expurgada, ou o contrário, submetida à ênfase). A segunda diz respeito à exiguidade própria do espaço menor, que leva cada ação individual a se manifestar como um questionamento (necessariamente político) do que constitui o majoritário. E, finalmente, a terceira característica refere-se ao fato de que as singularidades individuais menores têm um valor coletivo na relação política que estabelecem com a maioria.

Transpondo essas análises para o campo antropológico, o conceito de vidas menores permite explicar uma relação específica dos marginalizados com os demais membros da sociedade, tratando-se menos de uma relação de oposição que de uma relação de distância, como ocorre com as inevitáveis tensões produzidas pelas margens no interior do espaço social “majoritário”, a começar pelas novas formulações realizadas nesse espaço<sup>2</sup>.

1 Deleuze, G. e Guattari, F. *Kafka. Pour une littérature mineure*, Paris, Minit, 1975 [*Kafka – Por uma literatura menor*. Trad. Júlio CastañonRio de Janeiro: Imago, 1977].

2 Este artigo segue a linha de uma comunicação intitulada “Os tempos mudam. Introdução a uma antropologia das rupturas”, apresentado por ocasião do colóquio *Blurred Interfaces: Questioning norms, classifications and the primacy of language*, organizado conjuntamente pelo Laboratório Internacional *TransOceanik*, pelo Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de



## A situação inicial: impossibilidades e interrupções

No princípio de um devir–menor, encontra–se sempre uma situação de obstáculo. O sujeito, individual ou coletivo, encontra–se capturado por impedimentos, coerções, necessidades que se entrecrocavam. O menor nasce de um impasse, que pode ser qualificado de existencial, no sentido em que se trata da vida, da definição de si, da presença ou de sua inscrição no mundo. O espaço problemático poderia ser resumido da seguinte maneira: querer e não poder; e é essa tensão que o leva a se apropriar do maior de forma particular. A situação inicial, sempre problemática, é também cada vez singular – a cada devir–menor, sua configuração de largada, sua própria estrada barrada.

Para Kafka, é viver “entre três impossibilidades: a impossibilidade de não escrever, a impossibilidade de escrever em alemão, a impossibilidade de escrever de outra maneira, ao que se pode acrescentar uma quarta impossibilidade, a impossibilidade de escrever”<sup>3</sup>. A primeira impossibilidade do *não* é quase uma premissa, de qualquer forma um imperativo, irredutível, de ordem ontológica: não se pode ser de outra maneira; não escrever, para Kafka, equivale a não existir. Daí decorre o problema da escolha da língua – problema do meio, problema demasiado concreto, não menos vital; problema que também atinge a ambição criadora do projeto literário de Kafka; problema, então, que não pode ser dissociado da situação sócio–histórica de Kafka: judeu, pertencente à minoria tcheca no império austro–húngaro. Entre o alemão, língua cultural (Kafka, porém, não admite uma literatura mestre) e língua administrativa (mas, como escrever numa língua burocrática?), o tcheco (mas que, para Kafka, revela uma origem rural longínqua e uma territorialidade que não é a sua) e o ídiche (que é, no entanto, ligado a uma judaicidade que ele pretende abandonar), Kafka por fim fará a escolha literária de escrever em alemão, ou seja, de se apropriar de uma língua “maior”, mas para se expressar e delimitar sua distância, sua “minoração”. A quarta impossibilidade – impossibilidade de escrever – já é o discernimento de uma aporia.

A situação dos leprosos na Índia é claramente outra – a cada devir–menor, sua própria situação de obstáculo. Para essas pessoas que contraíram a lepra entre os anos 1950 e 1980, cada qual em seu vilarejo, independentemente umas das outras, a doença provocou um lento

Santa Catarina e pela Associação Brasileira de Antropologia, em maio de 2013, em Florianópolis, e se baseia numa etnografia há quinze anos inspirada numa comunidade de leprosos estabelecida no norte da Índia (cf. Martin, F. *Reconstruire du commun. Les créations sociales des lépreux en Inde*. Paris: CNRS Éditions et Éditions de la Maison des Sciences de l’Homme, 2011).

<sup>3</sup> Carta a Max Brod, junho de 1921. Kafka, F. *Œuvres complètes III*. Paris: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1984, p. 1087.



processo de singularização, feito de provações, afastamentos, medidas cada vez mais radicais tomadas contra elas. Ao final do processo, o indivíduo leproso tornou-se outro, estrangeiro em seu próprio grupo. A edificação da alteridade, da qual não é mais possível retornar, acarretou uma outra exclusão do sujeito leproso, também irreversível, assim como a sua partida do vilarejo.

A partir de então, os leprosos foram confrontados com três impossibilidades: de recuperarem as vidas que levavam anteriormente (no seio de seu vilarejo, de sua casta, de sua família); impossibilidade de fazer algo desvinculado da lepra (que se tornou sua maior natureza, no sentido de uma essencialização); e, na Índia, impossibilidade de existir socialmente para um indivíduo sem pertencimento (devido ao contexto da sociedade de castas). E que enunciaram uma série de questões concretas: como dar continuidade à vida? Como atender a suas necessidades? Como se casar? Como refazer seus laços? Como reconstruir um grupo, um pertencimento?

Se Kafka encontra-se imobilizado entre suas origens judias, tchecas e alemãs (e as implicações de língua e território), os leprosos encontram-se capturados no sistema social de castas e no lugar que essa sociedade lhes atribui. Para Kafka, existir é *exprimir-se*, e nesses termos seu problema se formula. A dificuldade dos leprosos aparece em outro plano: para eles, é um problema de *relação*. Nos dois casos, a saída será criar.

### A criação como saída

Segundo Deleuze e Guattari, Kafka vai desterritorializar a língua – esvaziar ainda mais o vocabulário, criar discordâncias de sonoridade, fazer empregos incorretos, intensivos, fazer a língua vibrar<sup>4</sup>. Os leprosos, por sua vez, vão desterritorializar os modos relacionais de sua sociedade: a amizade, o parentesco, a hierarquia, a casta.

Para construir um “nós”, eles vão se juntar, unir-se uns aos outros e, com tal finalidade, provocar desvio em duas categorias de relação, a amizade e o parentesco. Eles vão deslocar a amizade em direção ao parentesco, fazer de uma o suporte da outra e, como num jogo complexo de traduções e interpretações, transformar suas relações de amizade em laços de parentesco, com todas as características de um clássico parentesco. Primeira prática menor: a desterritorialização da amizade pelo parentesco. Mesmo que se originem de diferentes estatutos de

<sup>4</sup> Deleuze, G. e Guattari, F. *Kafka. Pour une littérature mineure*, op. cit., consultar especialmente p. 35 e p. 42 [*Kafka – Por uma literatura menor*, op. cit., p. 35 e p. 42].



casta, dos mais baixos aos mais elevados, os leprosos resolvem considerar-se como iguais; instauram entre eles um princípio de igualdade que se manifesta tanto no nível do casamento, da comensalidade, como no das tomadas de decisão enquanto membros de uma mesma casta, visto que aqui a igualdade se faz entre indivíduos de estatutos de casta heterogêneos. É uma grande mudança no funcionamento da sociedade indiana, hierárquica e desigual. E uma segunda prática menor: desterritorialização da casta pela doença. Depois, vão criar uma comunidade, ancorar-se num espaço delimitado por eles e do qual farão um lugar propício às doações, para fazerem da lepra um recurso. Vão explorar uma noção religiosa hindu, a *seva*, que se aproxima da ideia cristã de caridade, cuja originalidade é se apresentarem não como autores, mas como destinatários dos gestos solidários. Terceira prática menor: a desterritorialização da *seva*, do princípio de dar ao princípio de receber.

Numa sociedade cujos indivíduos pertencem a uma casta desde o nascimento e pelo nascimento, os leprosos criaram uma comunidade baseada na escolha e nas experiências compartilhadas. Para viverem, e aqui viver é reconstruir a partir do comum, reconstruir ao mesmo tempo um grupo e um pertencimento mas também laços com o restante da sociedade que os excluiu, os leprosos inovam, capturam, transformam. No entanto, não criam por prazer ou por vontade de inovar, nem mesmo o fazem dentro de uma perspectiva ideológica ou política, mas, sim, de uma perspectiva pragmática de sobrevivência. Criam para recriarem condições de agir e existir. Seu agir é *poiético*, no sentido definido por Soulet<sup>5</sup>: um agir que surge quando as condições triviais de ação são rompidas, um agir que não é estratégico, orientado pelos fins (fala-se de um contexto de incerteza), nem conveniente, orientado pelas normas (fala-se de um contexto de enfraquecimento ou oscilação dos quadros normativos), mas criador de possibilidade de ação: um agir para poder agir, para reconstruir as condições de possibilidade de agir no mundo.

Os leprosos são capturados dentro de uma consciência particular do mundo. A exclusão, as impossibilidades, os obstáculos, a vontade de viver, a necessidade de achar uma saída os condenaram a pensar. Sua situação os colocou numa posição reflexiva, levando-os a questionar os modos relacionais que, de tão comuns, não são postos à prova, a conceber agenciamentos, a imaginar novas formas de existência, a pensar de outra forma. Todas as suas criações sociais emanam dessa reflexividade produzida pela situação de ruptura.

<sup>5</sup> Soulet, M.-H. *Changer de vie, devenir autre: essai de formalisation des processus engagés*. In: Bessin, M., Bidart, C. e Grossetti, M. (dir.). *Bifurcations. Les sciences sociales face aux ruptures et à l'événement*. Paris: La Découverte, 2010, consultar especialmente p. 282–284.



## A variação

O menor salienta uma capacidade de agir e transformar. Introduce diferença e diferenciação. O menor diz respeito à variação, a uma variação que não é um estado (de divergência ou desvio em relação a uma norma – o que seria a minoria), mas um processo (um trabalho sobre a norma). Isso significa dizer que o menor não preexiste, nem é dado, mas criado. Parece dotado de um potencial de criação, para além da intenção dos atores.

A intenção dos leprosos não é contestar, nem inverter os princípios relacionais definidos por sua sociedade, a sociedade de castas. Em momento algum criticam ou duvidam do modo de estruturação e funcionamento da sociedade. Os leprosos, como seus descendentes nascidos nessas configurações à margem, continuam a aderir ao sistema social de referência. E o objetivo, tanto dos leprosos como de seus descendentes, é reintegrarem-se nessa sociedade, mesmo sendo tão desigual e hierárquica – ou ao menos nela ocuparem um lugar menos desconfortável. Porém, o que as criações dos leprosos são capazes de produzir é de outra ordem. Para entender essa produção, é necessário ampliar o campo para outros processos menores.

Na periferia de uma cidade da Índia vive um grupo instalado num local de cremação – uma situação pouco comum, pois os locais de cremação geralmente não se localizam na Índia, devido à impureza e ao caráter nefasto atribuídos aos espaços dedicados ao cuidado com os mortos. Essas pessoas, que certamente não são especialistas em rituais funerários, instalaram-se nesse local em decorrência de experiências e trajetórias diversas, mas tendo em comum uma ruptura dos laços iniciais (pessoas que fugiram de sua região de origem por violência política, pessoas que foram excluídas devido a problemas psíquicos, mulheres que foram repudiadas por não terem tido filhos, pessoas que conheceram a prisão ou que não puderam reintegrar-se em suas comunidades de origem). Essas pessoas se encontram, então, por motivos diferentes dos motivos dos leprosos, mas também têm a tarefa de reconstruírem sua existência. E para formarem grupo e possuírem uma filiação – mesmo problema dos leprosos, mesma impossibilidade de existir socialmente na Índia como indivíduo isolado – essas pessoas transcenderam seu estatuto de nascimento por uma comunidade de experiências. Em outras palavras, vemos criações similares, em outras situações de margem ou ruptura, de como estabelecer uma igualdade entre indivíduos de estatutos heterogêneos.



A perspectiva colocada por esses dois processos de reconstrução da vida (dos leprosos e dos moradores do local de cremação) levanta a questão do poder do menor e de sua capacidade de perturbar o maior. Por meio desses dois processos, surge a emergência de uma nova estrutura, que agenciaria uma multiplicidade de lugares de ancoragem e de recomposição social sob um mesmo sistema de igualdade – numa sociedade que funciona por ela mesma sob um princípio de desigualdade. Um agenciamento subterrâneo, constituído por redes desses grupos reconstituídos (os quais estão em relação uns com os outros, como é o caso dos leprosos e dos moradores do local de cremação). Uma sociedade paralela, que coexiste ao lado da sociedade majoritária, dominante, funcionando sob princípios não somente outros, mas antitéticos. Essa perspectiva traz, de fato, um conjunto de questões: como a sociedade digere as variações? Como assimila ou não assimila as criações à margem? Atribuindo-lhes um lugar, ignorando-as, esmagando-as? Qual o poder dessas criações, o contrapoder dessa onda gigante? O que elas são capazes de fazer oscilar?

### **As tensões e o desconforto**

O menor opera no interior, mas a partir de uma certa exterioridade. Um devir-menor implica sempre um afastamento, um distanciar-se, voluntário ou sofrido, como no caso dos leprosos. Uma singularidade que se extrai, que se autonomiza, que não mais está em relação interna com o conjunto do qual ela se desdobra, já não é uma singularidade menor. O menor é uma heterogeneidade do interior. E, por ser uma heterogeneidade do interior, as tensões são sentidas por ambas as partes. Tensões que são verdadeiras relações de forças entre um poder, no sentido da dominação, da norma e daqueles que nela se acham, excluindo e minorando, e outro poder, no sentido de capacidade, dos “minorados” que, para viver, transformam as normas, extraindo-lhes práticas menores.

Nesse campo de batalha, para além dos vencedores, não são todos que recebem o mesmo golpe. Para as minorias, essas relações de força significam uma violência da vida. Desde o início, é uma instabilidade permanente: o processo de reconstrução dos leprosos é interminável, literalmente sem fim. Nesse processo, nunca se obtém nada; cada passo, cada avanço, cada chegada constitui imediatamente uma nova largada. Nunca se obtém algo, nem nada se dá. Não há caminho previamente traçado, nenhuma estrada a seguir, nem direção sob a qual se



orientar, nenhum modelo para servir como referência, nada é previsível para eles. Tudo não passa de tentativas, explorações, experimentações, algumas vezes com êxito, e muitas fracassadas. O processo é, pois, incerto; suas condições de existência e elaboração são extremamente precárias e frágeis. A vontade de existir requer um despreendimento considerável de energia, a começar pela requisição para a obtenção de terreno, casa, o reconhecimento como população que precisa de ajuda, a aceitação de seus filhos na escola, passando pela definição de regras de vida no interior de um grupo, e redefinição dessas mesmas regras conforme os problemas enfrentados, assim como as novas questões que surgem, até o trabalho consigo mesmo, propondo mostrar que se pode ser leproso e, mesmo assim, ser aceito.

Ser tomado em um devir–menor é receber uma injeção de ânimo. O menor é um princípio de agitação. Isso é claro, os leprosos não cessam de querer viver, de abrirem caminhos, de se servirem de inúmeros desvios, porém... Porém, suas criações são exatamente aquilo que os mantém à margem. Aí está o paradoxo e o drama de suas reconstruções, que incitam a realização de práticas novas, de modos relacionais baseados em princípios inéditos, em outras maneiras de ser e fazer coletivamente e, em troca, devido a essas mesmas diferenças, mantêm–nos distanciados da conduta majoritária, dominante. Bastaria viver junto nesse espaço de igualdade que transcende os estatutos de nascimento – estes que, em outro contexto, determinariam quem são e quais as suas relações com os outros – para remetê–los à vivência diária da particularidade que os atinge? Os leprosos possuem claramente a sensação de uma vida cuja normalidade é suspensa; eles continuam a sentir–se externos a sua sociedade. É como se sempre vivessem no impasse – Kafka, entregue ao desespero (a desesperança, dita de forma breve, também faz parte dessa violência da vida), previa bem essa aporia (lembremo–nos da quarta impossibilidade: *impossibilidade de escrever*). Por ser interminável, o processo também é sempre insatisfatório, sempre.

### **A exemplaridade, ou a força de proposição**

Quando a existência encontra–se interrompida, parece que criar é a condição inevitável para a continuidade da vida. A ressocialização dos leprosos testemunha isso; ela é baseada nas modalidades de reconstrução de laços, o que faz refletir sobre as categorias da amizade e do parentesco; apoia–se num sistema de agregação movido por escolhas e sensibilidades dentro de uma sociedade em que o pertencimento é,



por princípio, atribuído no nascimento e pelo nascimento; é baseada em maneiras de viver junto que se apoiam em preceitos completamente outros que aqueles comumente predominantes nas relações, e por vezes antagônicos. A reconstrução social dos leprosos engendra novas maneiras de pensar, agir e ser no mundo. Aqui se formula a singularidade de sua elaboração: a comunidade de leprosos de Jodhpur é um agenciamento singular, e deve-se entendê-lo como tal. Não é modelo nem precedente. Assim como as outras comunidades de leprosos, presentes em outras cidades da Índia, ela se estabelece e se guia por si mesma.

Se uma singularidade é uma unicidade e uma extração, ela também se reveste do caráter de exemplaridade no caso dos leprosos. Assim, essas elaborações singulares são também *exemplares*: enunciam *uma* produção social, inédita, que testemunha simultaneamente possibilidades infinitas de criações sociais. São igualmente portadoras de uma relação que duplica o sistema social do qual se originam, uma relação ao mesmo tempo estrutural (o laço com o que as produziu) e política: sua existência mesma é válida como proposição, como possibilidade de um dever.

É preciso acrescentar que a exemplaridade não expõe apenas um certo poder e uma certa esperança de existir. É também princípio subjacente, que anima e atribui forma às criações sociais diante das situações extremas; é um modo de pensar particular aos atores submetidos a essas situações. Os leprosos de Jodhpur estão constantemente à procura do que lhes poderia oferecer possibilidades de existência: extraem de outras experiências proposições por eles selecionadas e transpostas. Assim há trocas, circulações. A avaliação do que é possível ou não, disponível ou não, os meios de recorrer e adaptar-se, tudo faz parte dessa economia da exemplaridade por meio da qual se delinea a especificidade de cada elaboração. A exemplaridade se alimenta, então, de outras proposições exemplares que se interpelam para se edificarem. Ela é a singularidade que ecoa outros possíveis.

\* \* \*

No *Livro do desassossego*, não sem sarcasmo, Pessoa dizia que “O homem, de modo geral, chora muito pouco e, quando se queixa, é sua literatura”, o que não impede que, “alheia a isto, a humanidade continue digerindo e amando”, pois “a vitalidade recupera e reanima”. Que a vida prossiga, sob condições sejam elas quais forem, é uma coisa. Outra coisa é encontrar condições para uma vida que não seja sobrevida. Isso é criação, necessidade criativa.



Tradução de Melissa Quirino Scanhola

\*Fabienne Martin é antropóloga, especialista em Índia e estudiosa da reconstrução da vida em situações–limite. É pesquisadora do Centre National de Recherche Scientifique, na França, e do Centre d'Anthropologie Sociale do LISST. Publicou *Reconstruire du commun. Les créations sociales des lépreux en Inde*, e junto com Alexandre Soucauille, *Faire de l'ethnologie. Réflexion à partir d'expériences en milieu scolaire*.